

24h*

INAUGURADA PELO GOVERNO, NOVA RODOVIÁRIA AFASTA TRABALHADORES INFORMAIS E PEQUENOS COMERCIANTES

FOTOS: ARISSON MARINHO



1 Velha rodoviária na Avenida ACM deixou de funcionar ontem
2 Peruano Miguel Pacheco, que trabalha na passarela da rodoviária da Avenida ACM, teme futuro
3 Tapumes ainda tomam conta da nova rodoviária em Águas Claras

condição de manter isso aqui funcionando de maneira nenhuma. Terei que dispensar meus dois funcionários”, completa.

Dentro da rodoviária velha, os permissionários – comerciantes que usam o lugar – se dividem. No restaurante popular ‘Axé Babá, acarajé, abará e blá blá blá’, que fica na entrada, o clima era de despedida e o que menos tinha era conversa. “Deus é quem sabe como será amanhã (hoje). A única coisa que sei é que fechamos hoje (ontem)”, disse uma das funcionárias, que não quis se identificar. Outro, que vende produtos variados e também não quis se identificar, disse que está procurando outro ponto, pois não consegue arcar com os custos da nova rodoviária.

“O aluguel é um absurdo, de shopping. Teria que desembolsar uns R\$ 80 mil mês. E só para reformar e deixar o ponto pronto para abrir, teria que desembolsar cerca de R\$ 150 mil. Hoje (ontem) é meu último dia na rodoviária, seja aqui ou em Águas Claras. Vou procurar outro lugar”, disse.

Segundo a Sinart, “aproximadamente 90% já manifestaram interesse em seguir para o novo terminal. Os outros 10% não se adequaram às novas regras e, por isso, não farão parte do comércio no novo equipamento”.

Inaugurada oficialmente ontem, quem chegar hoje na nova rodoviária vai ver a estrutura pronta, mas os serviços ainda em passos lentos. Ao menos entre as lojas, lanchonetes e serviços, os tapumes ainda tomam conta do espaço, incluindo as empresas que vendem passagem, por exemplo. Alojados no último andar, somente a Água Branca, Rota e Cidade Sol estavam com cara de prontas. Outras, como Novo Horizonte e Guanabara, estão ainda sem aviso ou previsão de abertura.

Na ala das lojas, só um milagre para estar aberto ao público hoje. Não dá nem para saber quem estará lá vendendo seus produtos. Alguns permissionários da rodoviária antiga estão prontos para a mudança, mas não será imediata, pois ainda estão se adequando às exigências e padronizações do espaço.

MOYÉS SUZART

O conforto que deixa gente para trás

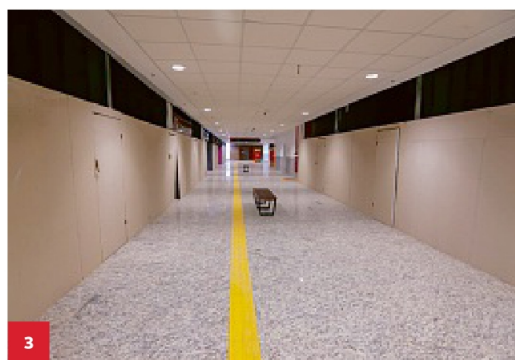
O novo é belo, mas nem sempre é inclusivo. É como trocar um estádio de futebol raiz por uma arena. Um Barradão pela Arena Fonte Nova. O conforto e a modernidade são evidentes, como é nítido na nova rodoviária, inaugurada ontem pelo governo do estado. Quem chegar a partir de hoje em Salvador pelo voo rasteiro terá uma casa novinha para os ônibus que trazem passageiros para a capital, em Águas Claras. Contudo, a rodoviária antiga não era apenas a entrada e chegada de ônibus de todo o país. Era um instrumento que movimentava a economia local, como lojistas, camelôs, restaurantes populares e afins. Enquanto muitos comemoram o novo, outros temem que fiquem apenas no passado.

“Isso aqui vai virar a Barroquinha. Um antigo centro econômico abandonado. A partir desta terça, estas famílias daqui estarão perdidas”, resume o peruano Miguel Pacheco, que há 30

anos vende produtos na passarela da rodoviária.

“Com este meu ponto, sustentei minha família e construí até minha casa. Agora não sei nem como será amanhã (hoje), como vou levar comida para casa”, completa Miguel, temendo o fim do seu sustento, num curto espaço de tempo. Ele não comparou sua situação com a Barroquinha à toa. Segundo ele, o bairro era a referência no comércio até a antiga rodoviária, na Sete Portas, deixar de existir. “Lá o fim foi lento, mas começou assim. Aqui não dou dois anos para acabar e deixar todo mundo sem sustento. Ninguém mais vai passar por aqui”, disse o peruano.

Ceará tem uma lanchonete na frente da barraca de Miguel e está há mais de 20 anos ali no final da passarela, já na entrada da rodoviária. Vende de tudo, com preços inclusive para viajantes menos afortunados, que não podem pagar muito caro num lanche para



levar em sua viagem. Em Ceará, uma peça de salgado com suco custa R\$ 7,50. Anderson Carvalho e seu filho, Vitor Carvalho, aproveitaram que seu ônibus para Serrinha sairia em 30 minutos e foram até o camelô encher a barriga e economizar.

“Imagine quanto eles pagariam lá na rodoviária nova? Alguém pensou que nem todo mundo tem condição

de comer numa Mc Donalds? Pessoas pobres precisam de opção. A rodoviária nova impede até esse contato com o comércio informal. Você sai do ônibus e já tem metrô de um lado e a estação do outro”, diz Ceará, que não sabe se terá condições de estar aberto ainda. “Vai virar um lugar vazio. Vai ficar só gato pingado. A partir do mês que vem não vai ter